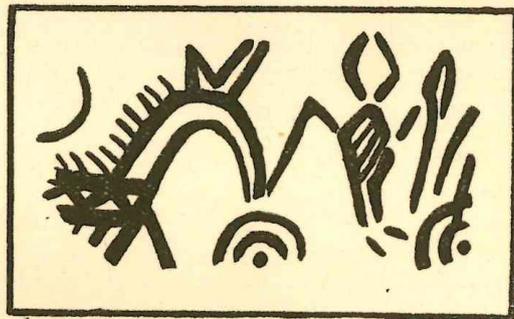


J. SELLÉS PAES DE VILLAS - BÔAS

UM
MACHADO DE BRONZE



Edição do
GRUPO ALCAIDES DE FARIA
(Agregado à Associação dos Arqueólogos Portugueses)



3)
03.2"637"(469.12)(

IL

S e p a r a t a

do

BOLETIM

do

Grupo Alcaides de Faria

Ano I, n.º 1

Director - fundador

Joaquim Sellés Paes de Villas-Bôas

Barcelos

Um Machado de bronze

FELIZ acaso em trabalho de recolha de materiais concelhios deu-nos a conhecer em boas mãos ⁽¹⁾ a existência de uma das peças achadas em Viatodos em 1904.

Exemplar único desta idade existente no museu, reúne-se a notícia de certa curiosidade pela luz de fonte insuspeita, que nos dá o documento adiante transcrito, em feliz rectificação ao anteriormente estudado ⁽²⁾.

Ao catalogar a peça representante de um conjunto disperso, não podemos esconder a satisfação de — graças às cautelas do seu possuidor ⁽³⁾ — lhe juntar por cópia a nota coeva do achado feita em papel amarelecido, pelo próprio punho do Reitor.

Diz assim :

« Este machado, que segundo os entendidos deve datar 800 anos »
« antes de Jesus Cristo, foi encontrado com mais 18, uns restos »
« de fundição e uma panela destinada para o mesmo fim, no »
« logar da Fonte Velha desta freguesia de Santa Maria de Via- »
« todos; comprei este por 400 reis para ficar como recordação »

(1) — Nunca será demasiado agradecer e louvar a atitude do Ex.^{mo} Sr. Fernando Gomes de Amorim, de Tregosa, Barcelos depositando a peça no museu da sua terra, e permitindo a publicação dos manuscritos guardados com ela por mostrar assim respeito por relíquias do passado e amor pela terra dos seus maiores. Que a sua magnífica acção seja exemplo seguido por tantos que avaramente guardam as coisas ou espoliam a terra do seu património arqueológico ou artístico furtando-o a seu verdadeiro fim: fazer luz sobre o passado em cujas raízes assenta a principal razão do futuro.

(2) — JOSÉ FORTES, *Thesouro de Veatodos - da idade do bronze*. Portugália, vol. II, págs. 110-111, Porto, 1905 e F. RUSSEL CORTEZ, *Museu Nacional de Soares dos Reis. Machados e outros objectos de bronze*, Porto, 1946, pág. 39, para só citar os principais.

(3) — O Ex.^{mo} Sr. Amorim é sobrinho do Rev. P.^e António Gomes de Amorim, já falecido, Reitor em 1904 da freg. de Viatodos, e de quem recebeu a peça e os documentos em causa.



« do achado, foram mais três para o museu do Abade de Cani- »
« delo, Vila do Conde, um vendeu-o, o pedreiro achador, no »
« Porto por 120 reis possivelmente para fundir, que profanação! »
« um foi para o exímio arqueólogo Albano Belino, que muito o »
« estimou por ser esta colecção a primeira encontrada neste dis- »
« trito, 10 e os resíduos da fundição estão julgo eu ainda em »
« poder do filho do chamado hospitaleiro, do Louro, que julga »
« ter uma mina, e os três restantes estão em poder do pe- »
« dreiro achador. Estavam debaixo dum grande penedo quase »
« ao centro cinco palmos abaixo da crusta do solo onde repou- »
« sava o mesmo penedo e sendo este quebrado ao meio e »
« quando refundavam afim de «se queres pedra quita-lhe a »
« terra» foi encontrado este Tesouro precioso pela antiguidade. »
« Viatodos Julho de 1904 Reitor António Gomes de Amorim. »

O Ex.^{mo} Senhor Fernando Amorim possui uma curiosa carta em papel timbrado de José Fortes, R. da Rainha 125, Porto, escrita por este a seu tio e guardada juntamente com a peça em causa.

O documento diz :

« Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Porto 27-3.º-905.
« Soube há dias que V. Ex.^a possuía um dos machados encon- »
« trados no chamado Tesouro de Viatodos, ao sopé do Monte »
« da Saia. Como estou a concluir uma monografia arqueoló- »
« gica acerca do interessante achado, em que pretendo dar uma »
« descrição detalhada de todos os objectos encontrados, atre- »
« vo-me em nome da ciência a dirigir-me a V. Ex.^a pergun- »
« tando-lhe: 1.º) se é verdadeira a informação; 2.º) no caso »
« afirmativo que comprimento tem o instrumento, qual o seu »
« peso, a largura do gume, a largura das caneluras (que são »
« os dous regos profundos abertos no cabo), e a espessura »
« máxima do chamado talão. Na figura junta indico os nomes »
« da peça a que acabo de referir-me; 3.º) se tem duas asas »
« ou anéis, se conserva o cabeço de fundição ou parte dele; »
« 4.º) se está bem conservado e que côr apresenta; 5.º) quan- »
« tas nervuras tem.» *(um espaço em branco com o desenho »*
« de um machado de frente e de perfil e respectivos nomes). »

E continua :

« E peço licença de, no meu trabalho, citar o nome de V. Ex.^a »
« como possuidor do exemplar e meu ilustrado informador. »
« Rogo por fim a fineza de me informar quantos machados e »

« pedaços de metal em bruto apareceram na cova da bouça, e »
« qual o seu destino; isto para eu poder verificar se as infor- »
« mações que tenho são exactas. Se um dia V. Ex.^a quizer »
« dispor do machado, muito obsequiaria informando-o o Museu »
« do Porto, cujo director (Rocha Peixoto) muito desejava possui-lo.

De V. Ex.^a Rev.^{ma} mt.^o at.^o ven.^{or}

José Fortes

casa de V. Ex.^a — Rainha, 125 — Porto.»

Não sabemos se José Fortes obteve resposta à carta, mais moderna quase um ano que o apontamento particular legado pelo Reitor de Viatodos com a peça a seu sobrinho, mas dos dois documentos transcritos podemos concluir: probidade e gosto pelas manifestações da história do passado do P.^e António Gomes de Amorim, e desejo de José Fortes em colher elementos para o estudo do achado, controlando informações já obtidas.

No fasc. da revista «Portugália» referente a 1905—ano da carta—(1.^o fasc. do vol. II) e a pgs. 110-111 no artigo—*Thesouro de Viatodos—da idade do Bronze*—de 35 linhas com uma gravura, o autor diz que o achado merece *descrição mais ampla e fála-emos em pormenorizada monografia especial já em preparo.*

Não queremos lançar dúvidas sobre a seriedade científica do arqueólogo, mas julgando que a *monografia especial* não se chegou a publicar parece-nos:

- 1.^o—o artigo de pgs. 110-111, fasc. 1 vol. II da *Portugália* foi feito com elementos controlados dos fornecidos pelo Reitor de Viatodos, em resposta à carta de 27 de Março de 1905, pois nesta diz *soube há dias que V. Ex.^a possuía um dos machados*, e no artigo cita como proprietário de um o referido Pároco.
- 2.^o—José Fortes não colheu informações *in loco* pois se o tivesse feito não daria o montante do achado em 15 *palstaves*—n.^o que dá *Machados e outros objectos...* etc. a nota 2, possivelmente copiando Fortes—mas em 19, número achado de facto.

O *Tesouro* compunha-se de 19 machados, restos de fundição, e uma *panela*, e em Julho de 1904 estava espalhado da seguinte forma: o filho do hospitaleiro do Louro (Fama-

licão) 10 machados e restos de fundição; o Reitor de Viatodos um; o Rev.º Sousa Maia de Canidelo (Vila do Conde) 3; o arqueólogo Albano Belino um; vendido por 120 rs. no Porto para fundir um; na mão do pedreiro achador, três.

Sabemos que o Rev.º Sousa Maia deu um ao Museu Etnológico de Belém—onde julgamos ter o n.º 11080 (¹)—e possivelmente outro a Heitor Brandão; Albano Belino não daria o seu; ignora-se o destino de 3, já que os 10 do Museu do Porto e os restos de fundição devem ser os que tinha o filho do hospitaleiro do Louro (²).

Concretizando:

o achado conhecido na bibliografia por *de Viatodos* compunha-se de
19 — machados de bronze de talão e duplo anel,

4 — pastas de metal,

1 — *panela* (?) de barro, e encontrou-se ocasionalmente a uma profundidade de *cinco palmos*—110 cm.—no lugar da Fonte Velha, sob um *grande penedo*, na freguesia de Viatodos (S.ª Maria), concelho de Barcelos, distrito de Braga e província do Minho.

Apresenta o machado — Est. I — depositado no Museu do Grupo Alcades de Faria em Barcelos as seguintes características:

Tem

cabeço de fundição

comprimento total ————— 0^m,272

» *apr. descontado o cabeço* — 0^m,246

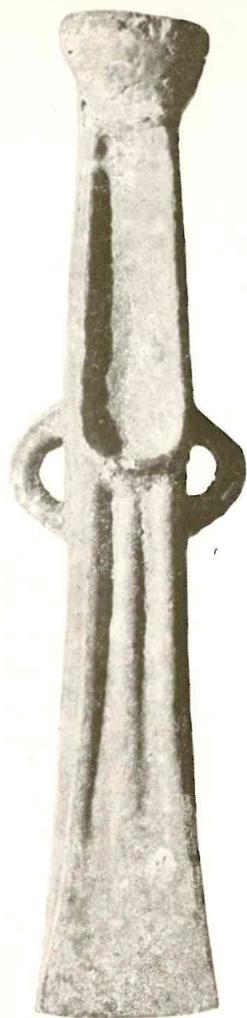
» *do talão* ————— 0^m,092

» *da lâmina* ————— 0^m,172

(¹) — Gentil informação do Doutor Eoin Mac White que nos facultou cópia das suas notas. Nelas vemos que o cit. Museu tem: com o n.º 11080 a peça achada no Monte da Saia e sem n.º (?) uma achada em Viatodos. Será alguma das que se julgam perdidas?

(²) — Reconhecemos destituído de importância científica, e em nada esclarecedor de futuras conclusões paletnológicas, o destino das peças surgidas à luz do sol, mas sendo esta nota desenvolvimento de estudo em catálogo monográfico do machado em depósito, pareceu-nos justificar-se a junção de todos os elementos esclarecedores da matéria em causa; a parte do catálogo, escondendo documentos e calando conclusões, ficaria, a nosso ver incompleto num dos pontos fundamentais: a história do achado.

Est. I



<i>largura do talão</i> —————	0 ^m ,031
» » <i>gume</i> —————	0 ^m ,050
» <i>nos aneis</i> —————	0 ^m ,063
<i>secção do talão</i> —————	em H
» <i>da lâmina na parte média</i> ———	hexagonal irregular
<i>peso</i> —————	1250 gr.
<i>pátina</i> —————	esverdeada

As condições do achado e a tipologia das peças — filhas de vários modelos — fazem-nos crer num *esconderijo de fundidor*, manifestação vulgar da idade do Bronze.

Tipologicamente o nosso machado ajusta-se perfeitamente ao n.º 5a do quadro estabelecido em primeira e feliz sistematização para os machados de bronze pelo *Seminario de Historia Primitiva del Hombre* da Universidade central de Madrid (1) em sessão de 5 de Fevereiro de 1947 a que tivemos o gosto de assistir (2), sem que tal evolução tipológica corresponda no quadro cultural peninsular a curva ascensional cronológica.

A peça em estudo — parte de um conjunto — de verso e reverso iguais, apresenta em cada um nervo central formado pela separação de dois fundos sulcos que partindo do talão se perdem a pouco mais de 1/3 do corpo do machado (3); forma evoluida da similar de talão com fio curvo, nervo central e um anel.

(1) — V. RUIZ ARGILÉS: *El bronce atlántico hispanico*. Cuadernos de História Primitiva, ano I, n.º 2, Madride, 1946, págs. 107-108, Fig. 1.

(2) — Como então dissemos não parece aceitável, ao estabelecer a tipologia dos machados, ter em conta a presença do cabeço de fundição, como já quisera SIRET (cfr. A. del CASTILHO LÓPEZ: *Achas de bronce de Talón*. Sep. do Boletim da Real Academia Gallega, 1927) dando-lhes carácter votivo. E. Mac White fez notar que nos elementos por ele estudados verificara essa presença sempre no tipo 6 — cfr. nota anterior — e muitas vezes no tipo 5a. A nosso ver — tratando-se geralmente de achados resultantes de esconderijos com peças por usar — a maior superfície no topo do talão — 5a e 6 — em comparação com outros — 1,4a e 4b — seria uma das causas de se manter fixo o cabeço, e como ocasional justificado não deve influir no quadro tipológico. Contudo a observação é curiosa, resultante de meticulosidade, e muito desejaríamos ver solucionado o problema da presença dos cabeços de fundição, que a nosso ver continua envolvido no mesmo mistério.

(3) — Peça igual representa o desenho da pág. 110 do cit. trabalho de José Fortes.

Descrita a peça vejamos a sua

Cronologia (1)

O achado de Viatodos, de paralelos muito vulgares, com espólio típico do curiosíssimo período do bronze, fazia parte de um « esconderijo » de fundidor, cronologicamente determinado, e cujo fim se encontra explicado por três razões: ou fazer parte do pecúlio de algum lavrador, ser depósito de mercador ambulante ou ainda oferenda de carácter religioso (2); explicações aceitáveis por lógicas mas envolvidas na capa do mistério que certos problemas mantêm, dentro das condições dos achados conhecidos.

Abandonadas as injustificadas classificações de Déchelette por serem manifestamente inadaptáveis no actual estado da investigação e hoje só seguidas por uns raros agarrados a um nome e a uma escola inaceitável, sem citar bibliografia excusada por demasiada, vejamos em que período do Bronze devemos colocar o achado concelhio segundo os

(1) — O autor anónimo do prólogo — pág. 7-8 — de *Museu Nacional de Soares dos Reis. Machados e outros objectos de bronze*, Porto 1946 (inventário de que se desempenhou o Sr. Russel Cortez conservador-ajudante do Museu), parece aceitar — pág. 8 — a existência de um círculo cultural na Idade do Bronze de características próprias, com o núcleo principal em terra hoje portuguesa, a que chama « bronze português », como parece admitir que — os machados — « devam em muitos casos ser . . . pertencas das gentes da cultura do N. O. peninsular — A Cultura Castreja — . . . ».

A vulgaridade de tais instrumentos nos castros portugueses — da Idade do Ferro — só viria confirmar uma sobreposição de civilizações, facto sobejamente comprovado, salvo provas em contrário fornecidas por estudo claro de estratigrafia que por certo Bagunte, Santo Ovídio e Vilar de Mouros não forneceram.

Como português e modesto amador destes problemas gostaria ver desenvolvidas estas ideias verdadeiramente originais, e que deitariam por terra as tentativas — em constante reajustamento — de sistematização cronológicas dos Prof.ª Almagro, Bosch Gimpera, Childe, Pericot, Martínez Santa-Olalla e do Doutor Mac White. O próprio Prof. Mendes Correia na sua obra que fez escola de 1924 — *Os povos primitivos da Lusitânia*, — aceitando para o Bronze a hoje abandonada classificação de Déchelette, afasta-se completamente da doutrina que em primeira mão vemos exposta: até lá adoptaremos doutrina conhecida e documentalmente baseada.

(2) — E. JALHAY: O « esconderijo » pré-histórico do Porto do concelho (Mação, Beira Baixa) Brotéria, vol. XXXVIII, fasc. 3, Lisboa 1944, pág. 275.

mais modernos investigadores: os Profs. Bosch-Gimpera (1), Gordon Childe (2) e Martinez Santa-Olalla (3).

O Prof. Bosch-Gimpera rejuvenesce consideravelmente as suas últimas cronologias colocando os machados do tipo estudado entre 1200-900 a. C. ou seja no último período antecessor do Ferro.

O Prof. madrileno Martinez Santa-Olalla, no seu estudo de cronologia coloca estas peças entre os mesmos anos, mas não tão perto culturalmente do ferro como Bosch Gimpera, visto notar a existência de um Bronze II Atlântico ou IV Espanhol — 900 a 650 — com características perfeitamente definidas, justificantes plenamente de tal divisão.

V. Gordon Childe, eminente Prof. da Universidade de Londres e que aos nossos problemas do Bronze tem ligado primordial importância, pelas relações comerciais havidas entre a Península e o seu país, concordando com a classificação do Prof. Santa-Olalla julga melhor colocar os machados de talão e dois aneis laterais no Bronze II Atlântico do Prof. Martinez Santa-Olalla.

Assim vemos que

o achado de Viatodos e conseqüentemente a peça existente em Barcelos, entra certamente no Bronze I Atlântico ou III Espanhol, com uma existência desde os anos de 1200 a 900 antes de Cristo, e conta uma idade que deve andar à roda de 2 mil anos.

J. Sellés Paes de Villas-Bôas

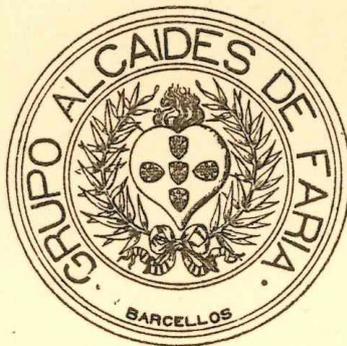
(1) — P. BOSCH-GIMPERA: *El poblamiento antiguo y la formacion de los pueblos de España*, Imprenta Universitaria, México 1944, pág. 103.

(2) — V. GORDON CHILDE: Nuevas fechas para la cronologia pre-historica de la Europa Atlantica, em *Cuadernos de Historia Primitiva*, ano II, n.º 1, Madrid, 1947, pág. 17.

(3) — J. MARTINEZ SANTA-OLALLA: Esquema paletoologico de la Peninsula Iberica, Madrid, 1946, pág. 65 e segs.

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS — 1948

C. M. E.
BIBLIOTECA



biblioteca
municipal
barcelos



12131

Um machado de bronze